

## MERCANTILIZAÇÃO E CONTESTAÇÃO NO PUNK BRASILEIRO: O MERCADO DE FANZINES NAS DÉCADAS FINAIS DO SÉCULO XX

BRUNO COUTINHO LUCAS PEREIRA<sup>1</sup>; ARISTEU MACHADO LOPES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [brunoclucasp@gmail.com](mailto:brunoclucasp@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [aristeuufpel@yahoo.com.br](mailto:aristeuufpel@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema as contestações ao mercado de fanzines punks no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Os *punkzines*, publicações produzidas e veiculadas pelos membros do movimento, eram essenciais para a identidade punk, mas também geravam tensões internas sobre sua natureza mercadorias. A área de estudo desta proposta está centrada na história da cultura punk e nos estudos de mercados contestados, com foco nas disputas ideológicas sobre a conciliação entre práticas anticomerciais e as necessidades econômicas da produção e distribuição de fanzines.

É importante destacar que contestações morais em relação a mercados não são um fenômeno exclusivo do movimento punk. O estudo de mercados contestados nos permite abordar a crítica a outros mercados historicamente controversos, como o da escravidão. As práticas comerciais que transformavam seres humanos em mercadorias foram fortemente criticadas por movimentos abolicionistas e pela sociedade em geral. Até hoje, a discussão sobre o caráter moral de certos mercados continua, como no caso da comercialização de órgãos humanos, que levanta questões sobre a ética do lucro em torno da vida e da morte. Da mesma forma, o comércio de sangue, que envolve práticas reguladas e a questão da doação versus a venda, é um exemplo de como o mercado de certos bens pode gerar intensos debates morais e ideológicos. Os mercados contestados, portanto, não se limitam apenas a questões econômicas, mas englobam discussões sobre ética, moralidade e valores sociais (BARBOSA E GOMES, 2016). Esses debates sobre a comercialização de bens e práticas refletem diretamente nas tensões sobre a mercantilização dos fanzines punks, que se posicionavam como um produto cultural intrinsecamente ligado a uma crítica ao sistema capitalista.

A fundamentação teórica se apoia no estudo de KOPYTOFF (1986), que examina como certos bens transitam entre a esfera comercial e não comercial, adquirindo significados contraditórios. O autor argumenta que mercadorias podem não ser apenas produtos de troca, mas objetos com significados sociais que contestam sua mercantilização. Essa concepção é central para entender o debate dentro da cena punk sobre a legitimação ou rejeição dos fanzines como mercadorias, questionando se deveriam ser comercializados ou distribuídos gratuitamente, conforme o ethos anticapitalista do movimento. Além disso, o artigo de BARBOSA e GOMES (2016), que examina diferentes formas de mercados contestados ao redor do globo, é integrado à análise. Essa perspectiva ajuda a entender as tensões sobre a inserção ou rejeição dos *punkzines* no circuito comercial. Já a análise dos fanzines será aprofundada a partir do levantamento feito na tese de doutorado de PRADO (2017), que explora o universo das publicações

punk como um espaço de resistência cultural e política. O autor investiga as estratégias usadas por editores e produtores para lidar com as demandas econômicas sem abrir mão dos ideais intrínsecos ao movimento punk.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar como essas contestações se manifestaram no mercado dos fanzines punks, compreendendo como seus produtores enfrentaram dilemas sobre precificação, lucro e distribuição. A pesquisa visa investigar as dinâmicas de um mercado alternativo e politicamente engajado, expondo as disputas sobre a mercantilização dos *punkzines* e sua posição na economia cultural das décadas de 1980 e 1990.

## 2. METODOLOGIA

Um aspecto crucial da metodologia desta pesquisa é o respaldo fornecido pelo artigo de CASTELO BRANCO (2015), que atua como uma referência metodológica central ao abordar o uso de fanzines como fontes de pesquisa histórica. O autor argumenta que os fanzines, muitas vezes ignorados como objetos de estudo pela historiografia tradicional, são, na verdade, fontes valiosas por registrarem narrativas alternativas e contra-hegemônicas que emergem em movimentos culturais e mídias marginais. Ao explorar essas publicações, o pesquisador destaca como os fanzines servem não apenas como repositórios de ideias e práticas culturais, mas também como um campo de resistência simbólica contra os sistemas dominantes, especialmente o capitalismo.

Essa visão torna o artigo supracitado essencial para a construção da metodologia, uma vez que orienta a pesquisa para a compreensão dos fanzines como espaços de contestação cultural. Ao sugerir que os fanzines representam táticas subversivas, o autor fornece o suporte teórico necessário para investigar os fanzines não só como documentos históricos, mas como veículos de resistência criativa. Dessa forma, o artigo do autor fornece ferramentas para a análise das disputas ideológicas sobre mercantilização e lucro no cenário punk, permitindo que a metodologia desta pesquisa se aproxime das nuances de como os produtores desses materiais encontravam brechas para resistir à lógica mercantil sem perder a autenticidade.

Dito isso, destaca-se que o estudo está sendo desenvolvido com base em uma abordagem centrada na análise de fontes primárias e secundárias relacionadas ao mercado de fanzines punks nas décadas de 1980 e 1990. Para examinar as contestações acerca da mercantilização dos fanzines, são utilizadas como principais fontes documentais os próprios fanzines da época. Além do levantamento de fanzines feito na tese de doutorado de PRADO (2017), que oferece uma análise detalhada dessas publicações, também são utilizados os fanzines e materiais relacionados disponíveis no Acervo Punk, salvaguardado no Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que reúne uma vasta coleção de materiais punks produzidos no Brasil. Esses fanzines oferecem uma visão direta das tensões ideológicas entre os produtores e consumidores, permitindo uma análise aprofundada das disputas sobre precificação e lucro dentro da cena punk.

Além dos fanzines, materiais como tabelas de preços oriundos de fã-clubes de bandas punks também serão usados como fontes para a pesquisa. Esses documentos revelam as estratégias de precificação e comercialização adotadas por

esses fã-clubes, que muitas vezes enfrentavam dilemas semelhantes aos dos produtores de fanzines, no que diz respeito ao equilíbrio entre manter a autenticidade punk e lidar com os custos operacionais.

Ademais, a metodologia de análise de discurso, conforme desenvolvida por PINTO (2002) é empregada para identificar os principais debates em torno da precificação, do lucro e da distribuição dos fanzines. Essas discussões são interpretadas à luz de fundamentações teóricas, com base no referencial supracitado, o que fornece solidez para a compreensão de como as contestações se manifestam de maneiras variadas em diferentes tipos de mercado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares confirmam que o mercado de fanzines punk, nas décadas de 1980 e 1990, foi um campo de intensas contestações, conforme discutido por KOPYTOFF (1986) e exemplificado por GOMES e BARBOSA (2016). Muitos produtores dessas publicações mantinham uma postura anticomercial, preferindo distribuí-las gratuitamente ou a preços simbólicos que cobrissem apenas os custos básicos de produção. Essa escolha estava profundamente enraizada no *ethos* anticapitalista do movimento punk, que via a busca pelo lucro como uma violação dos princípios fundamentais da contracultura. No entanto, essa visão não era unânime dentro da cena punk.

A análise dos fanzines disponíveis no Acervo Punk e os dados coletados na tese de doutorado de PRADO (2017) revelam que alguns editores viam a necessidade de uma monetização mínima como uma solução prática para garantir a continuidade da produção. Esses editores argumentavam que uma pequena margem de lucro era essencial para cobrir os custos de impressão e distribuição, permitindo que as publicações permanecessem em circulação sem comprometer seus ideais centrais. Muitas vezes, o lucro gerado era reinvestido na própria cena, sustentando fã-clubes, financiando bandas e apoiando outras atividades culturais relevantes.

Além disso, os resultados apontam para uma divisão ideológica e cultural significativa dentro do movimento punk em relação à mercantilização desses produtos culturais. Essa divisão estava intrinsecamente ligada à identidade do movimento e à sua oposição à cultura de massa e ao capitalismo. As diferentes abordagens para a precificação e distribuição revelam uma tensão entre a necessidade prática de monetização e a preservação dos princípios ideológicos do punk. Algumas estratégias de financiamento, como a troca direta de fanzines por materiais ou serviços, contrastavam fortemente com a postura radical de outros que rejeitavam qualquer forma de lucro, por menor que fosse. Essas contestações refletem questões mais amplas de moralidade e ética, além das dimensões econômicas.

Portanto, o debate sobre a mercantilização não se limita à análise financeira, mas também envolve a moralidade do lucro e a ética da comercialização em um contexto culturalmente e politicamente carregado. A resistência à mercantilização está profundamente ligada às questões de autenticidade cultural e aos valores morais do movimento punk, que se opunha ao capitalismo e à exploração. A pesquisa revela que essas contestações sobre o mercado dos fanzines envolvem múltiplas camadas de significados, refletindo debates sobre a legitimidade moral da

mercantilização em uma esfera cultural que se define pela sua oposição ao sistema dominante. A vista disso, a análise das estratégias de precificação e distribuição oferece uma visão mais rica das disputas internas do movimento punk e da sua relação com o mercado.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise do mercado de fanzines punks, através do arcabouço teórico dos mercados contestados, abre novas possibilidades de interpretação sobre as contradições internas de movimentos culturais que rejeitam o capitalismo, mas que, ao mesmo tempo, precisam lidar com as realidades econômicas de produção e circulação de bens. Ao aplicar as discussões de KOPYTOFF (1986) para entender como os *punkzines* transitaram entre a esfera comercial e a não comercial, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da cultura punk, ao passo em que também amplia o debate sobre a mercantilização em espaços que tradicionalmente se posicionam contra o lucro e a exploração.

O ineditismo da pesquisa reside precisamente na forma como conecta o mercado de fanzines punks, muitas vezes analisado apenas sob uma ótica de resistência cultural, à complexa dinâmica dos mercados contestados, oferecendo um olhar que permite compreender o fanzine não apenas como um produto da contracultura, mas também como um objeto econômico dotado de múltiplos significados sociais. Assim, ao explorar as tensões entre os ideais anticapitalistas do movimento punk e as necessidades práticas de produção e distribuição dos fanzines, o estudo traz uma contribuição original para a historiografia.

Logo, o trabalho, que é parte da pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFPEL, oferece uma reflexão mais ampla sobre a difícil conciliação entre a resistência política e as estruturas de mercado, apontando para novas linhas de investigação que poderão ser exploradas futuramente. É nesse sentido que a presente pesquisa se destaca, ao propor uma abordagem teórica que até então não havia sido aplicada de maneira sistemática a este campo específico, abrindo caminho para novas discussões sobre a interseção entre economia e cultura na produção independente de fanzines.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELO BRANCO, E. A. Mídias táticas: os fanzines como fontes para a pesquisa histórica. **Diálogos**, v. 19, n. 2, p. 741-762, 8 out. 2016.
- GOMES, L.G.F.F; BARBOSA, L. Dossiê Mercados Contestados. **Antropolítica**, Niterói, v. 41, p. 10-24, 2016.
- KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as a process. In APPADURAI, A. **The Social Life of things: Commodities in cultura perspective**. Cambridge University Press, Cambridge, 1986. Capítulo 2, p. 64 - 92.
- PRADO, D.S.G. **"Caminho para a morte na metrópole" cultura punk: fanzines, rock, política e mídia (1982-2004)**. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PINTO, M. J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2 ed. São Paulo: Hacker, 2002.